

Quem ama não mata: mesmo que a vítima seja Angela Diniz

Presente nos discursos políticos, nos versos de poetas, nas falas da imprensa - os estereótipos da família tradicional mineira, a cordialidade, a hospitalidade, o trabalho realizado em silêncio - são representações que perpassam momentos históricos e que ainda hoje traduzem para muitos uma situação de fato.

Em pesquisa realizada para a dissertação de mestrado¹, ao resgatar a educação e sexualidade de homens e mulheres no Triângulo Mineiro, nos anos de 1960, ficou evidente que tanto a família quanto a escola diferenciavam e hierarquizavam os sexos na educação formal e informal dos jovens. Ora construindo ou reforçando estes tabus a sociedade educou os homens para sustentar o lar, permitindo-lhes o desenvolvimento de suas sexualidades utilizando as casas de prostituição, entendidas como “mal necessário”. Quanto às mulheres, foram preparadas para assumirem os papéis de donas de casa, esposas e mães.

De acordo com os levantamentos realizados em Minas Gerais é possível perceber no discurso da mídia, dos médicos, dos religiosos e de professores que o modelo de Família Tradicional mineira exigia que os preceitos morais relativos à honra, tradição, trabalho, honestidade, virgindade e fidelidade, deveriam estar presentes no corpo social, introjetados nas relações de gênero.

Todo o Brasil possui seus exemplos de agressão, crimes que marcaram a memória e indignaram a opinião pública. São dramas muitas vezes anônimos e alguns se destacaram pela fama de seus atores. Mas, de uma forma ou de outra constatam a subordinação feminina e o poder dos homens sobre as mulheres. Minas não escapa às estatísticas brasileiras: Angela Diniz é exemplo disso. Mineira de Belo Horizonte, agia de forma “libertária”, logo, contrária às leis seculares que regiam e normatizavam os costumes sociais. Filha de humilde costureira tornara-se com o passar dos anos estrela do "high society".

Desquitou-se de Milton Villas Boas por incompatibilidade de gênios e deu início à sua aventura sentimental. Ao deixar o colégio de freiras e o marido, imaginou ter partido algumas algemas que prendem as mulheres indistintamente. No entanto, a vida reservava a ela grandes surpresas.

¹ PUGA DE SOUSA, Vera Lúcia. Internatos. **Caderno Espaço Feminino**. V.1.nº1. Uberlândia: Gráfica da UFU, jan/jun 1994.

Viveu com vários homens de seu agrado e afeto, destacando em seu currículo sentimental o empresário Artur Vale Mendes (Tuca), que acabou por matar um vigia que tentou assaltá-los, empunhando uma faca.

Um só detalhe constrangia a tradicional família mineira: Tuca atirou no assaltante, depois de sair da cama, onde dormia com Angela. Homem de bem, pai de quatro filhos menores – diziam os alcoviteiros – fora enfeitiçado pelas belezas da **Messalina**, cognominada Pantera de Minas.

Previendo o que poderia acontecer ao amante, Angela decidiu, ingenuamente, assumir o crime. Declarou-se responsável pelos disparos. Seu primeiro depoimento agradou a quantos desejavam vê-la por trás das grades, única forma de Belo Horizonte livrar-se da mancha social que ela representava.²

A partir do seu depoimento foi proibida de ficar com os filhos. Após ser inocentada mudou-se de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro. Em agosto de 1976 conheceu Doca Street (Raul Fernando do Amaral Street), casado com a milionária Adélia Scarpa, 42 anos de idade, pai de um filho. Nesta época dizia aos amigos que havia encontrado a “mulher de sua vida”.

A empregada Maria José contou à polícia que Angela passou a viver como se fosse escrava, presa em um quarto refrigerado e sendo freqüentemente espancada por Doca, que não trabalhava, mas “comia e bebia do bom e do melhor”.³

É interessante imaginar de onde vinha o dinheiro para o sustento do casal em Búzios, na medida em que nem Angela nem Doca trabalhavam. Na época se chegou a ventilar na imprensa que os dois estavam envolvidos com “estrangeiros” que usavam e vendiam drogas. A Revista Manchete, através do repórter Salomão Schwartzman, consegue descobrir o paradeiro de Doca, o homem que ao disparar vários tiros em Angela (30/12/1976), fugiu e resolveu dizer ao jornalista o porquê que matou a “Pantera de Minas”. Em frases curtas, com muito choro e a barba por fazer, confessa:

Foi uma paixão violenta, possessiva e total, somada a um ciúme doentio. Eu a amei, como jamais amei outra mulher. (...) **Eu quis dar a Angela uma outra imagem, queria que ela vivesse outra vida, que tornasse a ter os filhos perto dela, como verdadeira mãe.** Ela me prometeu que mudaria o seu

² LOUZEIRO, José. As Cinderelas Desencantadas. A Fama e o Drama de Angela Diniz. **Manchete**. 1995, s/p. (Grifos meus).

³ Idem, s/p.

comportamento mas, infelizmente **a bebida acabou estragando o nosso amor**. (...) Disseram que eu não deixava a Angela sair de casa. É verdade. Mas fazia isso por causa da **compulsão que ela tinha em provocar os homens** à sua volta. [E continuam as declarações até o momento do assassinato] (...) Eu não sabia se ria ou chorava de alegria. Não imaginava qual seria a condição mas era ela quem propunha e aceitava a minha volta, mais uma vez.

-E qual é essa condição Angela? (não quis acreditar, ainda não acredito no que ouvi da boca de Angela). **Foi cruel demais.**

-Doca, você vai ter que dividir. Com homem e com mulher. Com todos que eu quiser. Vou agora para a praia e o primeiro homem que me der na telha e a primeira mulher que me encantar vou trazer aqui para nossa casa e você vai assistir e ficar calado. Topa?

-O não que berrei foi de um animal acuado.⁴

Ainda segundo o relato, Angela teria batido a bolsa do próprio amante em seu rosto, esparramando seu conteúdo pelo chão. O que tinha dentro da bolsa? Dentro dela tinha um revólver que Doca pegou e disparou inúmeras vezes no rosto de Angela. Para não se constatar a premeditação do crime a arma cai de uma bolsa, bolsa esta jogada pela vítima e não pelo réu. O *álibi* que usamos para a desumanização das pessoas é freqüente. Tornar o outro estranho, anormal, feio, sujo, sem família, etc. para depois matá-lo faz com que parte da sociedade se exulte com a ação.

Atuando num processo recheado de situações passionais, a defesa não perdeu tempo, armou o “velho” discurso do preconceito, ma que sempre dava certo nos tribunais. O discurso era composto da seguinte argumentação desclassificatória, contrária aos paradigmas sociais: a Angela era uma mulher que **bebia, fumava, transava sexualmente com muitos homens, vivia longe dos filhos** – o drama estava montado. Angela terminou sendo qualificada como “Messalina, Anjo do Mal, Mulher Escarlate”. Pouco adiantou a presença de mulheres no Júri popular de Cabo Frio ou de representantes de SOSs Mulheres, ou de associações de todos os tipos, ou ainda de feministas que lutaram a favor da Justiça, nesse caso, tendo como *slogan* os dizeres: **quem ama não mata**. Essa presença era contrabalançada por outras tantas mulheres que seguravam faixas, agitavam bandeirolas e davam vivas a Doca Street, o “herói matador”.

⁴ SCHWARTZMAN, Salomão. Doca – porque matei a mulher que amava. **Manchete**. Ano 24, nº1293, Rio de Janeiro: 29/01/1977, p. 04 a 15. (Grifos meus).

Evandro Lins e Silva, o grande defensor de Doca acusou Angela de depravada e as feministas, apresentando cartazes, se revoltaram com os dois anos de penalidade recebida pelo réu. Angela estava enterrada, morta. Não podia se defender. Doca deu sua versão aos fatos. Apenas ele podia falar. Algumas frases denotam as questões suscitadas pelo dramático caso:

Nos marginalizam
Nos bolinam
Nos espancam
Nos estupram
NOS ASSASSINAM!
BASTA DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES!!⁵

No primeiro julgamento Street recebeu dois anos, que deveriam ser cumpridos em liberdade, já que se tratava de réu primário. Veio o segundo julgamento e Doca recebeu uma pena de 14 anos, com direito a regalias. Ele cumpriu cinco anos da pena, parte dos quais em regime de prisão aberta, em Niterói, com direito a saídas diárias e lazer no fim de semana. Como relatou Louzeiro, Angela sim que recebeu pesada condenação:

Entrando para a galeria onde já estavam Aída Cury (1958), Lourdes Calmon (1960), as meninas Ana Lúcia e Araceli Cabrera Crespo (1973) e para onde seriam arrastadas Cláudia Lessin Rodrigues (1977), Mônica Granuzzo (1989) e Daniela Perez (1992), entre muitas outras vítimas do feroz machismo nacional.⁶

Trinta anos após matar Angela Diniz, Doca Street resolve publicar um livro⁷ contando sua vida com a vítima, descreve como a conheceu, por intermédio da ex-mulher Adélia Scarpa e de que forma se apaixonou por ela. No desenrolar do drama o autor conduz os leitores a sua versão dos fatos, ou seja a um grande fim: o crime passionnal. O interessante é que da mesma forma que Angela após a morte não teve voz nem testemunhas que contrariassem as falas de Doca, ele, no livro MEA CULPA, reclama, nas páginas iniciais, que enquanto estava foragido,

Fiquei sabendo, tempos depois, que nas primeiras horas o delegado e a promotoria ficaram muito à vontade Para acusar, fazer declarações e encaminhar o inquérito a seu bel-prazer, exatamente por não terem ninguém

⁵ LOUZEIRO, José, op. cit. s/p.

⁶ Idem. s/p.

⁷ STREET, Doca. **Mea Culpa**. O depoimento que rompe 30 anos de silêncio. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

para contestá-los. (...) Fiquei chocado com aquilo que havia me tornado. Segundo os jornais, eu não era só uma pessoa passional, era um *plaboy*, um bagunceiro, um gigolô – homem perigosíssimo, procurado em todos os estados.

8

Ou seja, para Angela já não existiam mais chances, nem mesmo de defesa, mas para Doca o tempo enquanto estava fugitivo, serviu para que o advogado armasse a defesa tão cara ao judiciário, e por que não à sociedade brasileira da época: Crime Passional que obtinha sempre uma diminuição da pena. Conforme o próprio Street:

Na verdade, queria me entregar. Só estava fugindo porque precisava descansar, precisava de amigos para me ajudar a pôr a cabeça no lugar e, principalmente, precisava de um advogado para me apresentar **da maneira certa**. A princípio, nem pensava na minha defesa: que a Justiça decidisse por quanto tempo e como deveria pagar pelo crime que tinha cometido. Só resolvi me defender porque a imprensa e a promotoria haviam criado um Doca que absolutamente não existia. Já estava com a vida arruinada, mas não podia deixar meus filhos e minha família passarem mais vergonha ainda por minha causa.⁹

A revista Exame, em novembro de 1991 publica, com autoria de Walcyr Carrasco a matéria intitulada O Destino de Doca Street. O repórter tentou entrevistá-lo mas foi “enxotado” do lugar. E segundo Carrasco:

A irritação com a imprensa e o medo da exposição pública são traços que contaminam vários personagens que hoje cercam Doca Street, como se a imprensa fosse a responsável por seu crime. As pessoas em torno de Doca parecem acreditar que sim, como se não o gesto, mas a notícia, fosse o grande vilão da história. (...) O fato é que, se a vida de Doca teve momentos ruins, eles foram, em comparação com os comuns dos mortais, menos sofridos do que certamente seriam para um criminoso sem alguns de seus dons. Um deles é o berço: a tradicional família Street perdeu boa parte da fortuna na crise de 1929, mas não a pose. Doca cresceu cercado de bons contatos, que o ajudariam nas horas difíceis. O charme também foi um fator inegável para aplainar as arestas da vida¹⁰

⁸ STREET, Doca. **Mea Culpa**. p. 15 e 17

⁹ Idem. P. 22. (Grifos meus)

¹⁰ CARRASCO, Walcyr. O Destino de Doca Street. **Revista EXAME VIP**. Ano 06, n] 11, novembro de 1991,p.48.

Pode-se afirmar diante de tantos assassinatos de mulheres, das reduzidas penas a que se submetem os homens, que não só Minas Gerais, mas no restante de todo este imenso país a cultura, o preconceito, os paradigmas que ditam papéis e posturas femininos e masculinos, exercem ainda no século XXI, influências suficientes para que se estuprem, espanquem e matem mulheres e mesmo assim perdoem seus algozes?

Cabe salientar que as mulheres expostas à violência masculina carregaram o rótulo de “vítimas”, ora de “rés” ou “heroínas”. O processo de vitimização e culpabilização é utilizado por homens e mulheres. Porém, é necessário rever processos e cada caso em particular para que se possa transpor essas formas de pensar e agir, percebendo ou não a cumplicidade explícita ou implícita entre gêneros. Angela e Doca, qual dos dois é a vítima?

Saffioti e Almeida ressaltam que:

(...) necessário se faz romper a ideologia do vitimismo e discutir como mulheres e homens participam da definição dos seus lugares e compactuam com a diferenciação e hierarquização de papéis que se constroem em múltiplos espaços societários; e, ao mesmo tempo, como lhes é possível romper este esquema estratificado e de sujeição.¹¹

Pensar nas relações de gênero é pensar essencialmente nas relações de poder. Homens e mulheres buscam, em uma luta cotidiana o lugar de destaque, de mais poder. Ambos os sexos carregam o machismo como pressuposto de construção dos papéis sexuais e acabam transmitindo e educando seus filhos nos paradigmas socialmente aceitos. Ser diferente, fugir às regras pré-determinadas é sempre visto pela sociedade, de forma geral, como coisa ruim. A mulher que deveria seguir o modelo de boa filha, mãe, esposa e dona de casa, passa à prostituta quando muda de conduta, assim como o homem que deveria cumprir o papel de provedor, e bom pai, torna-se bêbado, agressor, adúltero, aquele que deixa de cumprir seu principal papel de ser produtor.

¹¹ SAFFIOTI, HELEIETH, i.b. E Almeida Suely Souza. **Violência de Gênero**. Poder e Impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p. 185.